

JUG OG PÄN TXI

NA TRILHA DOS

NOSSOS

ANTEPASSADOS:

A REYOMADA DO

TERRITÓRIO

XOKLENG KONGLUI

[ORG.]

CUNLLUGN VEITCHA TXIE

BIBIANA HARROTE PEREIRA DA SILVA

PAUL SCHWEIZER

JUG OG PÄN YXI

NA TRILHA DOS

NOSSOS

ANTEPASSADOS:

A REYOMADA DO

TERRITÓRIO

XOKLENG KONGLUI

[ORG.]

CUNLLUGN VEITCHA TEIZ

BIBIANA HARROTE PEREIRA DA SILVA

PAUL SCHWEIZER



KONGL:UI

BEIRA DA ESTRADA RS1484

PEDIDO DE CASAMENTO

ALDEIA XOKLENG KONGL:UI

DESEJO DAS CRIANÇAS

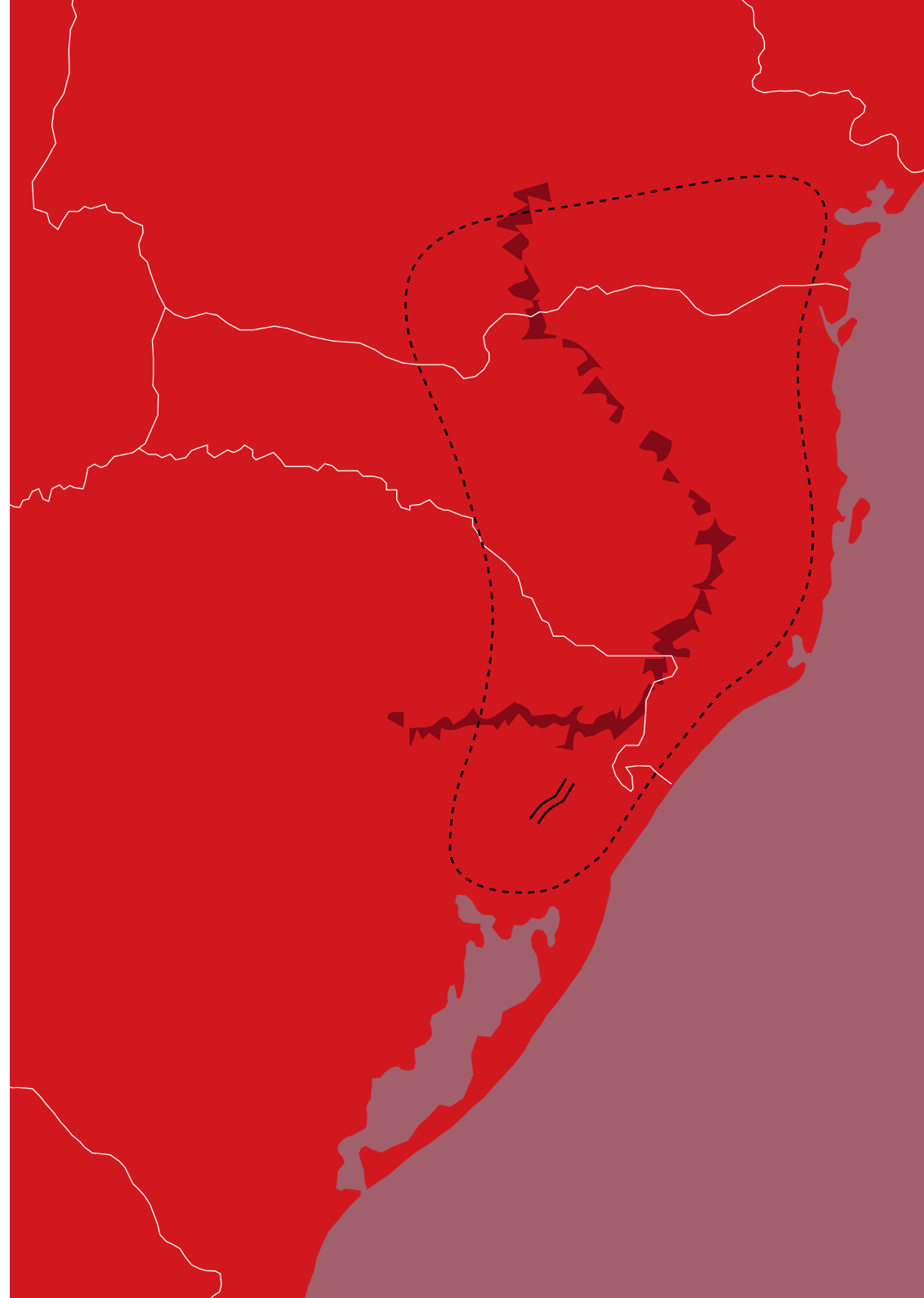
CACHOEIRAS NO TRILHO DOS

NOSSOS ANTEPASSADOS

CASA CONDENADA-RACHADA

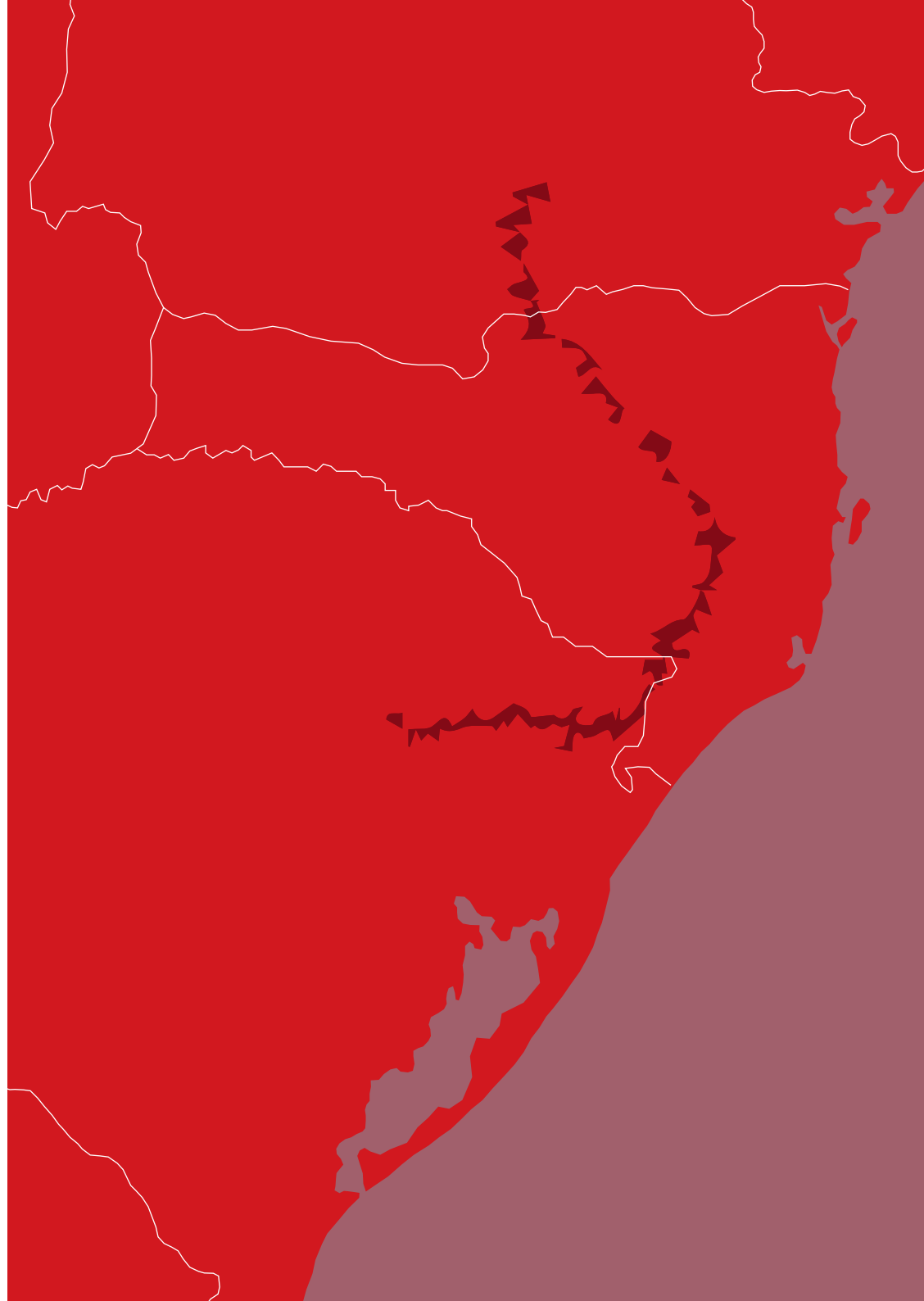
ANTES DO CONTATO

RETOMAR O FUTURO



infos mapas

mapa  
andaņas  
kunllung e  
veitcha



A obra que o leitor tem em mãos não é apenas um registro histórico; é um manifesto de resiliência e um tributo à cartografia espiritual de um povo. A trajetória do povo Laklãnõ/Xokleng e da retomada do território Xokleng Konglui é tecida por uma conexão profunda e inabalável com a terra, manifestada em uma organização social dinâmica que encontrou na mobilidade a sua maior força de preservação.

Originários de vastas extensões que abraçam o Sul do Brasil, do litoral de São Paulo às coxilhas do Rio Grande do Sul, mantivemos nossa unidade através de rituais de orientação que desafiam o tempo. Este prefácio convida o leitor a compreender que, para este povo, o território nunca foi apenas um espaço físico, mas um organismo vivo, segmentado em estratégias de ocupação que percorriam as matas de araucárias e as encostas da Serra.

Conforme a história narrada pelos anciãos, o nosso povo era dividido em dois grupos, duas metades: os Vãnhkomãg e os Jãkre. Devido a uma disputa por espaço e pelas mulheres dos grupos, os homens guerreiros do grupo Jãkre foram mortos, suas mulheres e crianças foram incorporadas ao grupo Vãnhkomãg. Mas nem todos aceitaram esta junção, dessa forma o grupo novamente se subdividiu em três subgrupos: os Kókózũ to pláj, os Laklãnõ e os Āgg yng, compostos por aproximadamente 50 a 100 pessoas cada. Lá no passado éramos conhecidos como Vãnhkomãg, como Butucudos ou como Kaingang do Sul, era assim que nós éramos classificados. Já Xokleng foi um nome dado na década de 70 pelo professor Silvio Coelho dos Santos. Foi através do seu trabalho que esse nome foi consolidado, ou seja, ele não é um nome nosso.

É muito importante ressaltar essas decisões em torno dos etnônimos e da autodenominação. Hoje, aqui em Santa Catarina, dentro da terra indígena Laklãnõ, nós temos representantes desses três grupos que sobreviveram, mas os que

sobreviveram em maior número na região do Alto Vale do Itajaí foram os Laklãnõ. Por isso que hoje a gente se autodenomina como Laklãnõ, é uma decisão política de autorepresentação. O Konglui fazia parte de um desses subgrupos.

No centro dessa cosmologia está o Kóplág. Mais do que uma cerimônia, o Kóplág revela-se como um sofisticado sistema de mapeamento e comunicação, um “GPS ancestral”. Através dele, os anciãos compartilhavam informações vitais sobre pontos de repouso, zonas de caça e locais sagrados, garantindo que a subsistência caminhasse lado a lado com a espiritualidade.

O nosso sistema social também se manifesta na rigorosa regulação da vida através das marcas familiares. As linhagens: Vãnh mẽ vin, Vãnh mẽ topagke, Vãnh mẽ kunhken e Vãnh mẽ kalem, funcionam como sentinelas da diversidade genética e pilares das alianças intergrupais. São essas marcas que, gravadas na pele e na alma, impedem o esquecimento e fortalecem o parentesco.

Um dos episódios mais emocionantes aqui registrados narra a saga das famílias Xokleng Konglui em São Francisco de Paula. Este relato de tradição oral é um testemunho da capacidade de sobrevivência: isolados do grupo principal durante as grandes caminhadas sazonais, os Konglui transformaram a altitude e o frio da Serra Gaúcha em um lar de resistência.

Ao documentar esta jornada, este texto cumpre dois papéis fundamentais: reconhece a presença indígena indelével na Serra Gaúcha e afirma a identidade de um povo que é, por direito e história, o guardião de um território milenar. Que estas páginas sirvam como ferramenta de resistência e que a voz dos anciãos continue a ecoar, lembrando-nos de que a memória é o mapa mais preciso para o futuro.

Walderez Coctá Priprá -  
Laklãnõ/Xokleng, arqueóloga,  
professora (UFSC), doutoranda (USP)

## grafismo

No dia 12 de dezembro de 2020, uma das áreas de florestamento de pinus da Floresta Nacional (FLONA) de São Francisco de Paula - Unidade de Conservação gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) no nordeste do hoje chamado estado do Rio Grande do Sul - foi reocupada pelas famílias Xokleng Konglui. Junto aos corpos, às lonas e ao fogo de chão, fizeram-se presentes também os espíritos, as histórias e as memórias que constituem este território. Desde então, muitos acontecimentos marcaram esse processo. Em 2026, a retomada completa seis anos de r-existência. Ao longo desse período, a comunidade enfrentou ameaças e conflitos, mobilizou redes de apoio, realizou mutirões e participou de audiências e reuniões institucionais. Paralelamente, seguiram também as conversas com os espíritos e as formas próprias de orientação coletiva. Muitos caminhos de luta foram trilhados pela Cacica Cunllugn e comunidade.

Após três anos vivendo na beira da estrada, a comunidade ingressou na FLONA em setembro de 2023. Em fevereiro de 2024, a retomada passou ao status jurídico de “Terra Indígena (TI) em Estudo”, que é o primeiro passo do processo demarcatório na Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Ainda no mesmo ano, um acordo de convivência foi firmado com o ICMBio, e hoje a comunidade articula aliados e parcerias para a construção das novas moradias enquanto são desenvolvidos os estudos do Grupo Técnico (GT) de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Xokleng Konglui.

Esse livro traz uma história de luta que é movida pelas mulheres indígenas, mães, avós, filhas, netas que caminham na tri-

lha das e dos antepassados. A narrativa que compõe as páginas a seguir parte do rumo traçado pelo núcleo familiar da Cacica Cunllugn Veitchá Teie, filha de Veitchá Teie e Paclon Ndilli, neta de Vanheky Teie e Tendo, e de Waikomé e Ndilli Cuzug, mãe de 7 filhos e avó de mais de 30 netos e bisnetos.

Somos apresentados à relação dessa comunidade com seu território ancestral e em processo contínuo de retomada baseada nos laços - entre parentes e aliados, bem como entre pessoas e outras entidades. Trata-se de um processo que se constrói a partir da presença cultural, relacional e física contínua dos Xokleng Konglui com o espaço vivido, como também na memória dos modos de vida tradicionais e da resistência e transformações diante frente à violência colonial. É, portanto, um processo de r-existência dos corpos, dos saberes e da própria cosmologia Xokleng Konglui. É pertinente ressaltar que, embora estejam lutando pelo reconhecimento e a demarcação de seu território tradicional em São Francisco de Paula, seu modo de vida e sobrevivência é caracterizado por uma territorialidade livre marcada pela mobilidade dentro do extenso território histórico na porção Sul do Brasil. Assim, contrariando a historiografia oficial que vinha classificando-os como “indígenas de Santa Catarina”, as andanças de Veitchá Teie (veja o mapa na pág. xx) em busca do lugar onde nasceu e onde viveram seus ancestrais dão início a esse processo de retomada. Desta forma, Veitchá foi o primeiro a formular e, de fato, seguir um sonho que, anos depois, seria trilhado por suas filhas, netas, netos, bisnetos e tataranetos.

Conforme o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população indígena no Rio Grande do Sul é de aproximadamente 36 mil pessoas, nesse estado, multiplicam-se processos de retomada territorial protagonizados por coletivos Mbya Guarani, Kaingang, Xokleng e Charrua. Logo, a luta Xokleng Konglui não acontece de forma

isolada, nessa mesma região, conhecida como Serra Gaúcha e frequentemente associada à exaltação das narrativas de colonização alemã e italiana - localizam-se também as retomadas Kaingang Kógunh Mág e Mbya Guarani Tekoá Kurity (ambas no município de Canela), além da retomada Ka'aguy Porã, no município de Maquiné. Resguardando as especificidades históricas de cada povo, comunidade e contexto de luta, essas ações de retomada trazem em comum além da dimensão política de reivindicação dos direitos constitucionalmente adquiridos uma relação de cuidado e defesa da terra, que contrapõe a lógica exploratória característica do capitalismo. O que não implica reduzi-las a um retorno ao passado, pelo contrário, são movimentos de criação de vida entre todos os seres que compõem essas paisagens culturais, e que, perante as crises e impasses globais, prefiguram caminhos para futuros ancestrais, dignos de serem vividos, por pessoas indígenas e não indígenas em convivência com outras espécies e entidades.

Com os pés sob o solo onde seu pai Veitchá nasceu, observando os lotes de pinus e eucaliptos da Floresta Nacional, onde seus ancestrais outrora viveram e co-construíram as ricas e diversificadas florestas coroadas por araucárias, Cunllugn manifesta: "os espíritos nos trouxeram aqui para darmos assistência para essa terra. A terra precisa de nós, a Mãe Terra está doente, as matas estão doentes pelo que não existe mais neste lugar. Viemos trazer de volta a natureza, viemos trazer de volta a cultura, viemos trazer de volta os conhecimentos tradicionais, trazer de volta o plantio, os alimentos da terra, a erva medicinal da terra, que foram tirados, destruídos, mortos com veneno, com a monocultura de pinus e eucalipto. A Mãe Terra precisa de nós para sobreviver. Os espíritos dos nossos antepassados nos trouxeram aqui. Eles estão aqui conosco. Eles vivem conosco, eles falam conosco, e daqui nós não vamos sair. Viemos para morar neste lugar, viemos para nossa saúde, para a saúde da

terra e para saúde dos espíritos dos nossos antepassados. A Mãe Terra estava morrendo, mas agora temos certeza de que a Mãe Terra está vivendo de novo. A Mãe Terra trouxe os filhos de volta, nós estamos aqui."

Este livro foi construído a partir das narrativas orais das e dos integrantes da retomada do território Xokleng Konglui, transcritas e organizadas nestes nove capítulos. É fruto de decisões coletivas entre as lideranças da comunidade e pesquisadoras e pesquisadores zūg [não indígenas], historiadoras/es, geógrafas/os, artistas e aliadas/os. Assim, o presente livro nasce de um esforço colaborativo, baseado em relações de afeto e confiança construídas ao longo de anos de pesquisa etnográfica comprometida. A partir das trajetórias cosmológicas, histórica e políticas das comunidades Xokleng Konglui, no Rio Grande do Sul, e Laklãnõ/Xokleng, em Santa Catarina, passamos a compreender como seus processos de autorrepresentação e autodenominação estão implicados pela relação com o território ancestral em processo de retomada no presente. Essa relação se expressa nos nomes de territórios, pessoas e outros seres. Assim, Konglui é o nome do território e da comunidade que o constitui. Konglui é o nome de pessoas míticas e ancestrais ligadas ao território na Serra Gaúcha, bem como de pessoas que integram a comunidade e de crianças que ainda vão nascer. É também o nome de um pássaro que está intimamente relacionado com a comunidade. Portanto, na polifonia de vozes deste livro, que tem por protagonista a liderança Cunllugn Veitchá Teie, somos convidados a dialogar com pessoas, pássaros, espíritos, florestas e suas memórias e a caminhar junto na luta da retomada à (re)construção do território ancestral.

Cunllugn Veitchá Teie,  
Bibiana Harrote Pereira da Silva e Paul Schweizer  
editores-organizadores

## KONGLUI

Quando nós chegamos em São Francisco, não tinha nenhum pássaro. Comecei a chamar e um dia o Konglui apareceu. Ele apareceu no ano de 2022, até me lembro o dia. Dia 22 de julho, de tarde, quatro horas da tarde. Ele trouxe a notícia para nós. Porque estávamos ali morando na beira da estrada enfrentando vento, chuva, geada, neve, passando por momentos muito tristes. Eu estava muito triste. Então, me lembrei que a minha avó falava para mim que o Konglui traz alegria. E eu comecei a chamar ele, porque eu estava no lugar dele.

O Konglui é irmão da minha avó. Minha avó Waikomé.

Ele chegou quietinho. Eu saí e ele gritou comigo, olhando para mim. Levantava as asas dele e balançava. Ele olhava. E balançava as asas dele, em cima da árvore.

Perguntei para ele:

- **Kônglui, a tó en vejé katé vã?**
- **A tó jō vabén jé katé vã?**
- **Ag blé tóg teka jag?**
- **Ag tó Lele jãg.**
- **A jo nu za mū ké ke mū.**
- **Ag tóg Lele.**

Konglui, você veio visitar? Viesse trazer notícias? Ele olhava para mim e balançava as asas dele. Eu disse para ele: fica aqui morando com a gente, cuida de nós, fica aqui. Sempre te esperei. Cuida de nós, repete para ele. A cada pergunta ele olhava pra baixo. Depois deu um berro bem forte. Aquele berro me acalmou. Fiquei mais calma. E logo em seguida, no outro dia, o nosso advogado Dailor telefonou e disse que dia 1º de agosto daquele ano, 2022, nós tínhamos uma audiência

de conciliação com a desembargadora em Porto Alegre, com ICMBio e FUNAI. Tanto a gente na FLONA de São Francisco de Paula quanto os parentes kaingang na FLONA de Canela.

Aí, chamei a minha família. Disse para eles assim: vou contar uma coisa para vocês. Vocês viram que o Konglui veio visitar? E não foi embora. Ele está no cantinho dele. Quero contar para vocês a notícia que ele trouxe. Vai sair a decisão da nossa morada, lá dentro. É isso que nós estivemos esperando. Minhas filhas, Culá, Cleia, minhas netas, estão todas esperando. Vocês cuidem que o Konglui vai voltar a nos visitar. Esperem ele. Então, quando saí, elas ficaram esperando o Konglui. E aconteceu, ele voltou a nos visitar. Hoje nós moramos dentro da FLONA.

O Konglui está conosco sempre. Ele fala com nós, e nós falamos com ele. Ele está cuidando de nós. Ali dentro da FLONA, tudo o que pedimos para ele, a gente vai conseguir, graças a Deus. É a nossa morada, nova aldeia, a casa, escola, posto de saúde... A gente está pedindo para ele outra vida, né. Outra vida. Que será uma vida com as nossas plantações. O que nós quisermos de plantio, vai sair. Medicina, medicina tradicional. Vamos trazer de volta as frutas nativas para a terra. As árvores para proteger as águas nascentes. Nós vamos trazer de volta. Se Deus quiser.

Cunllugn Veitchá Teie

Sou o Konglui. A minha história é carregada de tristeza mas também traz alegria e coragem.

No passado e, hoje, no presente, levo o aviso, levo a notícia e acompanho o dia-a-dia do povo Xokleng, quando eles me chamam pelo meu nome, me convidando a protegê-los.

Eu avisava tudo o que ia acontecer para os seus antepassados, seguia os passos dos homens e das mulheres. Eu cuidava, levando o aviso de quando os bugreiros estavam se aproximando, perseguindo para matá-los. E eles corriam.

Os que ficavam desprevenidos eram mortos pelos bugreiros. Já os que estavam no mato ouvindo meu grito fugiam seguindo o curso do rio. Assim, buscavam uma gruta atrás da cachoeira para se esconderem. Quando os bugreiros tinham ido embora, eu avisava e eles voltavam para suas casas e choravam quando viam os corpos dos parentes.

desenho konglui :  
balão de história em quadrinho

Eu via eles falando com os espíritos. E hoje eles têm o cântico, que eles trazem para ensinar os filhos, os netos, os bisnetos. O cântico deles é o ritual. Tem o canto da tristeza, da saída e de quando estão chegando na beira do rio grande. Aí eles cantam:

Goj Bág Ta Ta Hia Lê Va Ha Hen Ko ó  
Amendó Ti É Hey ban... Goj Bág Ta Ta Hia  
Lê Va Ha Hen Ko ó Amendó Ti É Hey ban...  
Kokó ó ho, ó ho, ó ho, o ho, han ...

é um cântico triste, mas que ao mesmo tempo traz uma alegria dentro deles.

E eu seguia os acompanhando. Eu voltava para cuidar daqueles que haviam se perdido e dava um sinal para uni-los. Então, hoje, eu sou um pássaro sagrado que cuida do território Xokleng. Eu cuido da vida daqueles que seguiram para Santa Catarina, Paraná, São Paulo, até Rio de Janeiro. Então eu rodo, em movimento, onde tem Xokleng eu estou, seguindo os seus passos.

desenho konglui :  
balão de história em quadrinho

## BEIRA DA ESTRADA RS-484

O ICMBio diz que não tem indígenas aqui, mas os Xokleng estão aqui.

Os Xokleng estão no Brasil e no mundo, hoje com uma população pequena que está crescendo. Porque muitos foram mortos, quase fomos extintos. Com a nossa vinda pra cá, a nossa morada aqui no Rio Grande do Sul, território dos nossos antepassados, o povo Xokleng cresceu. É por isso que existe hoje essa aldeia Xokleng.

Nós somos nativos desse lugar, saímos desse lugar: fomos expulsos, fomos mortos. Quero mostrar para o Instituto Chico Mendes que agora existem indígenas aqui. Estamos vivos. As mulheres indígenas estão aqui reunidas. Estamos no rastro dos nossos antepassados. Neste território têm as antigas casas subterrâneas deles. Estas casas estavam abandonadas, a nossa identidade estava enterrada aqui, e nós a recuperamos. Viemos para nossa casa, que os nossos antepassados deixaram. Viemos para Mãe Terra. É a nossa herança aqui dentro. Sei que está tudo morto aqui, a Mãe Terra está doente, mas agora nós somos a terra.

Antes da chegada dos colonos aqui, esse território era dos Xokleng Konglui. O meu pai, Seu Veitchá nasceu aqui nesse lugar, ele saiu pequenininho daqui com a mãe dele, a Tendo, e o pai dele, Vanheky Teie. Somos filhos dessa terra. Nós temos a nossa tia que está enterrada ali, muito conhecem por vó Rita, mas o nome dela é Kozikã; está enterrada ali no cemitério dos nossos antepassados. A Kozikã é a nossa ancestral comum com as famílias Zagaua que vivem hoje em Gravataí, somos da mesma geração. O meu avô Vanheky tinha o desejo de reencontrar a sua nhõ (palavra que significa mãe e também tia), ele fazia o ritual do Koplág para descobrir onde ela estava.

Como é que eles podem dizer que nós somos invasores? Invasor foi o governo. O Xokleng sempre existiu aqui no Rio Grande do Sul, mas só que eles vivem tudo misturado.

Foi através do conhecimento do meu pai que nós conhecemos essa história. E também dos antropólogos Walmir Pereira, Rodrigo Venzon e de outros acadêmicos. Na época, o Roberto Liebgott e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) também acompanharam, bem como a Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAÍ), uma entidade atuante aqui no Rio Grande do Sul.

Quando os colonos entraram, nossos antepassados foram expulsos daqui. Foram mortos, foram degolados. As mulheres foram degoladas. Os filhos delas, até os bebês de colo, foram tomados. E eles mataram as crianças, muitas crianças. Aqueles que sobreviveram foram na direção de Santa Catarina e Paraná. Outros se espalharam no Rio Grande do Sul. Outros foram para São Paulo e Minas Gerais. Aqui estão as raízes dos Xokleng. Raízes que tentaram matar, degolar, expulsar desse lugar. E que daqui se espalharam... Seguindo o rio, seguindo onde desce o sol... É por isso que o nome deles lá em Santa Catarina é Xokleng Laklãnõ<sup>1</sup>. “La” é o sol. Eles desceram, foram em direção ao sol, moram no Laklãnõ. Lá o Veitchá



Conforme Walderes Priprá, a decisão política pela adoção do nome Laklãnõ começou a se consolidar a partir das décadas de 1980 e 1990, quando a comunidade residente na T.I. em Santa Catarina passou a se mobilizar para reafirmar sua identidade. Ao longo da história, o povo recebeu diversas denominações impostas por não indígenas - como Bugres, Botocudos, Xokleng e outras. O linguista Nambá Gakran protagonizou esse movimento de autorrepresentação e de fortalecimento da língua materna: Laklãnõ significa “gente do sol”, “gente que caminha em direção do sol”. E também faz referência a um dos subgrupos classificados no período pré-contato ao longo do território histórico.

cresceu, ficou moço, casou, formou uma família com a Paclon Ndilli, minha mãe. E veio de volta, procurar **Jug Og Pan Txi**: as trilhas dos nossos antepassados. Filhos, netos e bisnetos vieram na direção dessas trilhas, nós estamos aqui no rastro deles.

O Seu Veitchá me trouxe aqui em 2015. Mas antes disso ele já vinha pra cá buscar o lugar onde ele nasceu junto com outros anciãos nos anos 80 e 90... Depois de casado, ele morava no Ligeiro, uma Terra Indígena Kaingang no norte do estado, eu era pequena, nasci no Ligeiro. Ele foi morar lá porque foi expulso da Terra Indígena Laklãnõ pelos agentes do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Então, depois, nós fomos morar em Cacique Doble, e depois em São Leopoldo na aldeia Kaingang Por Fi Ga. E de São Leopoldo nós viemos pra cá fazer a retomada. Meu pai faleceu em 2018, com aproximadamente 110 anos de idade.

Depois que meu pai e a minha mãe faleceram, eu vim embora, atrás dos rastros dos meus antepassados, que o meu pai mostrou pra mim em 2015, aqui dentro da Floresta Nacional de São Francisco de Paula. Eu lembro bem quando nós viemos passear, viemos olhar, ele veio mostrar pra mim esse lugar onde ele nasceu.

Eles apagaram o rastro, a identidade dos meus antepassados. Então, na história de São Francisco de Paula e na história daqui da FLONA, pra eles não existe indígena aqui. Mas a verdade é que aqui é território do Xokleng Konglui de onde foram expulsos, onde eles foram mortos, degolados e tiveram que deixar esse território. Mas nós somos os netos, estamos aqui. Achamos a morada deles, achamos o que eles deixaram pra nós, a ferramenta deles, então nós temos as provas.

Chegamos a morar na beira da estrada, durante três anos, debaixo de lona. Enfrentamos chuva, vendaval, neve e geada. O vendaval vinha e levantava os barracos, levava tudo. Nós

**Ū a jākle a vā tóg ti.**

Esse é o nosso modo de viver.

**Ag jākle te katēg ha vā, ag jākle ti, gó ki ta jāgdāg kũ katēg ha vā.**

O nosso saber brota da terra.

**Ka ģnh nē vā.**

É onde eu estou.

**Jug óg nōdē jó ka ģnh nē vā.**

Onde meus ancestrais passaram, é onde eu estou.

**Kũ tóg te ló ģnh jug ha vũ ģnh bó katē mũ.**

Meu pai me trouxe aqui, nesta terra.

**Ĕ tō jō tóg ti mē ven ti jé kũ ģnh txó ka ģnh klā ti óg blé nē vā, tóg ge.**

Para ele mostrar este lugar para mim, que é onde eu estou com os meus filhos.

ficamos no tempo, sempre na resistência, ficamos firmes. Tomávamos água da cachoeira que passava no meio da fazenda. Aquela água servia pra cozinhar, lavar roupa e também para as crianças beberem. Lá nós tomávamos banho, lavávamos louça, panelas. Carregávamos água pro nosso barraco em galões. Fomos atropelados pela polícia militar, fomos atropelados também pelo prefeito do município da época, que não queria aceitar, fizeram proposta para nós não ficarmos aqui. Mas nós nunca aceitamos. Isso aconteceu na época do ex-presidente Bolsonaro, todos os representantes do Estado brasileiro eram bolsonaristas. Nós sofremos discriminação, pelo ICMBio, pela FUNAI e pelo município de São Francisco de Paula, mas ficamos firmes na resistência. Depois de dois anos a Secretaria Especial de Saúde Indígena começou a nos atender.

No início da retomada Xokleng Konglui, o bebê mais novo da minha filha Culá Maiule tinha só um aninho, o outro tinha dois anos. A gente acampava ali na beira da estrada, batalhando. Nisto as meninas dela foram crescendo, hoje estas minhas netas estão com 15, 13, e 11 anos. Isso é a luta da mulher, é a conquista da mulher, nossa conquista. Culá é professora e começou a dar aulas para as crianças na beira da estrada. Debaixo da lona, no escuro, perto do fogo. Voluntariamente, ela trabalhou seis meses, até que nós conseguimos com nossos apoiadores as madeiras para construir a escola e outras casas de moradia. Conseguimos também uma caixa d'água e uma placa solar para instalar nas casas. E assim a nossa vida andou. Não foi assim mil maravilhas, mas graças a Deus tivemos saúde, tivemos vida, tivemos a nossa resistência para enfrentar todas as barreiras que vieram contra nós.

Cunllugn Veitchá Teie

legenda fotos



## CASA CONDENADA / RACHADA

A caminhada da Cunllugn começa quando ela começou a enxergar com os olhos dela, quando o pai dela começa a dar conselho, ela era bem nova, e o Veitchá já veio falando com ela sobre a luta. Então, não começa agora. A Cunllugn, antes de fazer as próprias retomadas lá no território Xokleng, ela já estava envolvida e apoiava os outros parentes.

Tanto é que tem o Morro dos Cavalos, que é para ser demarcado agora, dos Guarani. Ela participou com eles... ajudou eles a retomar. E também andou com o Kretã Kaingang nos movimentos. Isso também mostra que as retomadas não começaram só agora. Ela fazia parte do movimento Conselho Nacional de Mulheres Indígenas – CONAMI; já foi vice-cacique na Terra Indígena Ibirama Laklãnõ em 1996.

Então, a caminhada da Cunllugn não é só São Francisco de Paula nem Blumenau. É bem antes. Ela passou por muita coisa... A gente não começa a nossa caminhada a partir do nada e decide se levantar e fazer uma retomada. Não... nós indígenas já nascemos na luta, desde a barriga da nossa mãe a gente já vem lutando por sobrevivência. E quando a gente vai crescendo, a gente vai aprendendo a nossa resistência na luta. Quando vamos fazer uma retomada, botamos em prática o que a gente sabe. As sabedorias ancestrais que já vem vindo. Acho que é por isso que muitos falam sobre sabedoria ancestral. Porque a gente já vem desde a barriga aprendendo.

Lá na Terra Indígena Ibirama Laklãnõ, onde nós todos crescemos, quando nós éramos pequenos, cada vez que enchia o rio a gente tinha que subir a estrada, subir o morro com todas as nossas coisas, até colchão. Tínhamos que ir lá na casa da vizinha, em cima do morro. Toda vez que chovia a gente tinha que subir. Aí, em 1988, quando foram construí-

das as casas [no processo de indenização da Barragem], a Cunllugn ganhou uma casa. Ela construiu a casa dela perto da estrada. Só que, com o passar do tempo, toda vez que chovia o rio subia. O barranco começou a descer... E a casa começou a rachar. Quando nós morávamos lá, em 2007, a casa foi interditada. Toda a Aldeia Figueira foi interditada pela Defesa Civil porque a maioria das casas estava em risco por conta da barragem, pela cheia que ela estava causando. Os barrancos desceram, as casas racharam e até a escola foi interditada.

A casa da Cunllugn rachou, aí fomos para a barragem morar e as nossas coisas ficaram na Aldeia Figueira, porque a casa era pequena lá na barragem. Bastante gente começou a vir ocupar a área da barragem, através da dona Cunllugn, da locô... a Mana Lala... Eles retomaram a barragem, onde foi construída essa nova aldeia que hoje se chama Aldeia Plipatól. Assim começaram as retomadas.

Depois da barragem nós retomamos a Serrinha. A nova aldeia da barragem já estava cheia de angoiká (indígenas) lá e não tinha mais espaço para construir casas. E cada cheia que dava, vinham mais famílias. E a Figueira tinha sido condenada em 2007. Nós retomamos a Serrinha em 2015. O Veitchá ainda estava vivo. A Cunllugn retomou com o Dili Palmito, o sobrinho dela, com a irmã dela, a locô, e o meu tio Marcelino Kanhaã. O Dili Palmito morava numa área baixa, perto da barragem, e perdeu a casa com a enchente de 2014. Ele participou da retomada da Serrinha, ajudando a abrir os caminhos e iniciar a ocupação do lugar, mas não ficou morando ali. Mais tarde, foi para a região da aldeia Bugio, onde ocupou a área do Bom Sucesso, perto do Sassafras, um lugar importante na disputa do marco temporal. E hoje, o Dili está na retomada na FLONA de Três Barras.

Depois a minha mãe começou a se levantar com as retomadas em Blumenau e aqui em São Francisco de Paula.

A Cunllugn iniciou a retomada na cidade de Blumenau, em 2017, com o objetivo de apoiar as e os estudantes indígenas que estavam na universidade, e hoje ela continua apoiando e participando. Eu estava morando em São Leopoldo, na aldeia Kaingang Por Fi Ga quando ela começou as articulações e a gente começou a se mexer para fazer a retomada Xokleng Konglui em São Francisco de Paula.

Culá Maiule Teie Lemos da Silva



## PEDIDO DE CASAMENTO

No dia 21 de setembro de 2023, enquanto estava acontecendo a votação do Marco Temporal no STF, nos reunimos na capela da FLONA com o ICMBio de Brasília, a FUNAI de Brasília, de Florianópolis e de Passo Fundo. Foi uma reunião de 7 horas. Hoje, penso comigo: Por que eles fizeram essa reunião conosco? Eles estavam pensando que os indígenas não iam vencer no STF? Será que estavam pensando que já estavam prontos para nos tirar daqui? Mas, de repente, a votação em Brasília do Marco Temporal deu uma guinada para os interesses indígenas. E nós vencemos. Ganhamos por nove votos a um.

Antes disso, no dia 1 de agosto de 2022, pedi o ICMBio em casamento. Aconteceu na primeira reunião de conciliação que tivemos com o ICMBio de Brasília e a FUNAI, no Tribunal Regional Federal da 4ª região - TRF4, em Porto Alegre. Na época do governo Bolsonaro. Todos eram aliados do ex-presidente Bolsonaro. Do lado indígena estávamos eu e o cacique Maurício Kaingang da retomada Kógunh Mág, de Canela.

A reunião durou o dia todo. Ficamos sentados o tempo todo sem poder falar. Quando deu cinco e meia, quando eles não paravam de olhar o relógio para pegar o avião de volta pra Brasília, levantei e pedi a fala: "ICMBio de Brasília, eu vim aqui pra casar com você. Ali está escrito que esta é uma reunião de conciliação e estou aqui propondo essa conciliação, pedindo você em casamento. Se não quer casar comigo, olha pra mim e diz. É sim ou não." Eles ficaram 15 minutos de cabeça baixa, não falaram mais nada... Finalmente a desembargadora levantou e deu a palavra dela: "Vocês têm o direito de entrar dentro da FLONA e escolher um lugar para sua morada provisória lá dentro." Tivemos ainda mais duas reuniões antes de abrirem a casa onde estou morando.

Temos o direito por lei de estar aqui dentro, mas tivemos que enfrentar uma barreira, enfrentar tudo isso e pedir eles em casamento. Foi uma conquista muito grande, é muito forte pra mim. Enfrentamos muita discriminação, muitas violências. Agradeço a Deus e aos nossos espíritos, assim como também aos nossos apoiadores e nosso advogado Dailor Sartori, que não desistiram, estivemos sempre juntos. Quando meu pai era vivo o sonho dele era trazer os filhos e netos pra morar nesse lugar, é por isso que ele nos trazia pra conhecer. Só entrávamos com ordem da Justiça Federal, o ICMBio não deixava. Tínhamos que ir no Ministério Público Federal, e pegar uma carta, a cada vez. Tudo isso foi enfrentado.

Hoje nós temos a associação que foi criada quando estávamos lá debaixo da lona ainda, na beira da estrada. O nome da Associação é Jug Vaj By Ti Jo Vá, que significa "o sonho do meu pai".

Cunllugn Veitchá Teie

desenho / grafismo

As aldeias Xokleng Konglui, em São Francisco de Paula, e Kaingang Kógunh Mág, em Canela, estão, ambas, sobrepostas a Unidades de Conservação federais que se encontravam em processo de concessão à iniciativa privada no momento da retomada indígena. Reivindicações anteriores relacionadas à ancestralidade dos territórios já existiam na FUNAI e nenhum dos dois povos foi previamente consultado antes do lançamento do edital de concessão das Florestas Nacionais à iniciativa privada, em desacordo com as diretrizes estabelecidas pela Convenção nº 169 da OIT. A situação levou à abertura de cinco processos judiciais, posteriormente reunidos pelo TRF4 e encaminhados ao Sistema de Conciliação (SISTCON). Após dois anos da primeira audiência de conciliação em agosto de 2022, foram firmados os acordos de convivência entre as duas comunidades e o ICMBio, com a participação e anuência da FUNAI. Esses acordos constituem uma solução inédita no âmbito dos conflitos socioambientais envolvendo situações de sobreposição entre Unidades de Conservação e Territórios Indígenas. O processo contou com a atuação fundamental de aliados, entre eles pesquisadores, professoras e professores e integrantes do grupo de pesquisa e extensão Geografia da Questão Indígena no Rio Grande do Sul da UFRGS, que contribuíram tanto nas oficinas de construção dos acordos quanto nas audiências junto ao Poder Judiciário e no diálogo com os órgãos federais envolvidos. Ao longo desse percurso, também se consolidou um fortalecimento mútuo entre as comunidades Xokleng Konglui e Kaingang Kógunh Mág, que compartilharam estratégias, experiências e alianças, transformando um mesmo processo jurídico em espaço de articulação política e apoio recíproco.

Bibiana Harrote Pereira da Silva e Paul Schweizer

## Cronologia do Processo de Retomada

Início século XX: nascimento de Veitchá na FLONA - fuga para Santa Catarina.

Anos 80-90: Idas de Veitchá e demais anciãos ao território histórico no Rio Grande do Sul.

2009: Qualificação de reivindicação na FUNAI junto à comunidade de Zagaua de Riozinho/RS.

2015: Veitchá e as filhas visitam a FLONA de São Francisco de Paula.

Dez/20: Retomada. Reintegração de posse. Beira da estrada.

Mar/21: Criação da Escola Indígena Vanheky Veitcha Teie na RS-484.

Ago/22: Audiência pública no SISTCON do TRF4 (Primeira reunião de conciliação). Decisão da desembargadora da construção do Relatório Técnico de Alocação Provisória.

Mai/23: Primeira reunião com nova gestão do ICMBio, FUNAI e apoiadores.

Set/23: Reunião com nova gestão do ICMBio. Entrada/ocupação/retomada dos Xokleng nas

casas da FLONA-SFP, considerada uma ação direta da comunidade, ainda que com mediação, diálogo e apoio de diferentes atores/sujeitos.

Jan/24: Nova rodada de reuniões e oficinas de mapeamento para construção de acordos.

Fev/24: Portaria dos GT de Identificação e delimitação das terras indígenas Kaingang e Xokleng. Audiência pública no TRF4 (Segunda reunião de conciliação).

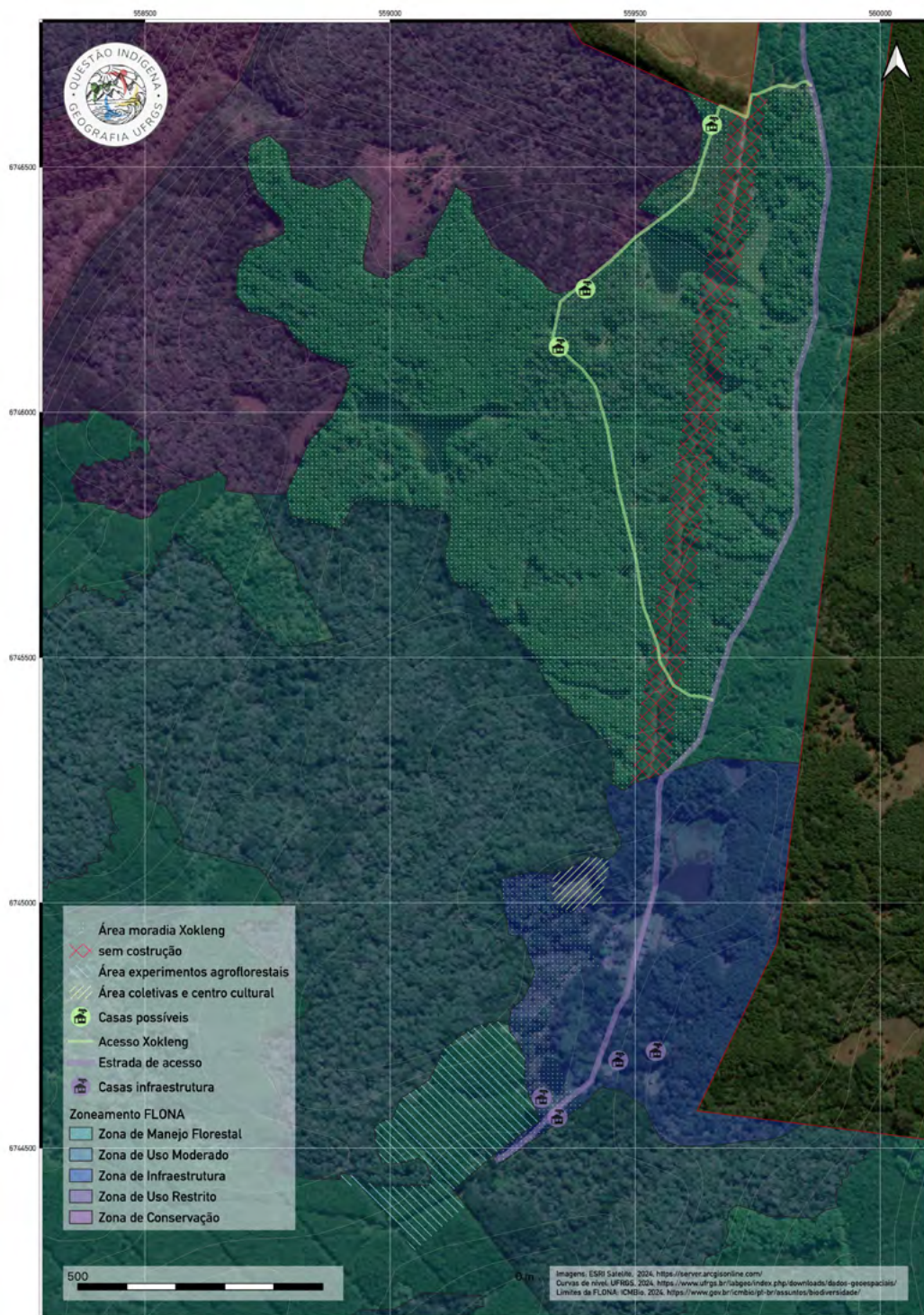
Set/24: Assinatura dos acordos de convivência.

Jul/25: I Seminário das Mulheres Indígenas da Floresta

Set/25: Oficinas de avaliação do acordo de convivência com ICMBio, FUNAI, pesquisadores e comunidade.

Dez/25: Audiência de Conciliação sobre a avaliação do acordo - pedido de doação dos pinus e eucaliptos para construção das novas moradias da aldeia Xokleng Konglui

Fev/26: Visita técnica com juízes do CEJUSCON, Funai, ICMBio, comunidade e aliados sobre o pedido de doação das madeiras e as novas moradias.



## ALDEIA XOKLENG KONGLOI

Hoje em dia, nós sabemos que o município, o governo do estado, o governo federal têm uma dívida com nós indígenas, **uma dívida histórica**, uma dívida que não há dinheiro que pague, só que a gente não cobra mais do que o nosso direito, a gente quer o nosso direito.

Foi o ICMBio que embarcou aqui no nosso território. Nós estamos aqui agora, dentro da FLONA, no nosso território ancestral, morando provisoriamente nas casas de hospedaria cedidas pelo ICMBio. Estamos enfrentando os javalis, seguimos enfrentando as tempestades de chuva, vendaval e frio. Aqui, a gente vai morar, viver, construir novas moradas, construir novas famílias, construir a vida, construir também a nossa paz, vamos salvar a mãe terra, salvar a água, salvar também a vida dos animais tradicionais, trazer de volta o alimento da terra que foi tirado daqui, trazer de volta as medicinas tradicionais. Hoje só tem eucalipto e pinus nesse lugar. Estamos trazendo as mudas devagarinho, lá de Santa Catarina pra cá. E a gente tem esperança de construir tudo. Se Deus quiser, vai acontecer. As matas nativas que foram tiradas daqui, vamos fazer um plantio nesse lugar.

Seguindo os carreiros, as trilhas dos nossos antepassados, estamos tentando hoje também, graças a Deus, vamos construir as nossas roças, estamos plantando. A gente quer trazer o alimento natural de volta pra cá. O alimento tradicional é o

legenda mapa

nosso goró, que vem através da taquara. É o mel de abelha. Nós temos vários tipos de abelhas que dão mel. O mel serve pra muita coisa, dá pra comer e também pra fazer a medicina tradicional, a nossa bebida fermentada chamada mōg. Temos que trazer o palmito, que é um alimento saudável pra nós, as frutas nativas, que não tem aqui. Vamos plantar pras nossas crianças. A gente está, cada dia mais, pensando o que nós vamos plantar aqui nesse lugar para nossas crianças. Elas vão aprender, conhecer o modo de preparo tradicional, que é o nosso alimento cozido dentro da taquara nativa, chamamos de Kapug, e a carne assada debaixo da terra nas folhas de Caeté... Como estão conhecendo já as trilhas dos nossos antepassados aqui, **Jug Og Pãn Txi**.

Cunllugn Veitchá Teie



fundo colorido

# XOKLENG KONGLUI



legendas



## CACHOEIRAS NO TRILHO DOS NOSSOS ANTEPASSADOS

*Quando nós viemos morar aqui, nós lavávamos roupa nessa cachoeira, e hoje ainda lavamos. Nós pegamos essa água pra beber, pra fazer comida... No momento dos barracos na estrada era a única água que nós tínhamos no local. Até que um dia a Defesa Civil, o Meio Ambiente, chegou aqui, queriam proibir, porque a água passava no meio da fazenda. Aí falei pra eles: então vocês acham uma caixa d'água, a saúde tem que trazer água pra nós. E assim foi, certo dia arrumaram a caixa d'água e o caminhão-pipa começou a trazer água pra nós. Mas a gente ainda usa essa água, porque não é sempre que o caminhão-pipa vem. Dia de chuva ele não vem, ele não pode vir pra cá, é tradição. A gente ainda usa essa água, lava roupa aqui. Essas pedras aqui, nós lavamos roupa na mão.*



Já essa água, essa cachoeira aqui, pra nós traz muita recordação dos nossos antepassados. Ela é sagrada. Aqui que os nossos antepassados vinham tomar banho, aqui que eles usavam, aqui era a morada deles. Por isso que a gente nunca abandonou essa cachoeira. Sentamos aqui pra falar com os espíritos. **Goj Kupleg** - Espírito da água; **Lã Kupleg** - Espírito do sol; **Kózi Kupleg** - Espírito da pedra. Para o mal não chegar perto deles. O passarinho Konglui anda junto com eles nesse lugar. Nós podemos estar morando nas melhores moradias, mas nunca vamos esquecer daqui. Nunca. Nessa cachoeira é onde os nossos antepassados iam pra fazer os rituais deles, os cânticos, e chamar todos aqueles que pertencem à terra. Lá também eles se escondiam dos bugreiros. Escutando na terra. A terra, quando a gente vai ouvir assim, a gente escuta que tem gente atrás da gente, a gente ouve. Então, estamos cuidando dessas cachoeiras, e das nascentes.

Cunllugn Veitchá Teie

QR-  
CODE

As falas sobre as cachoeiras foram gravadas em cada cachoeira. Áudios disponíveis no QR CODE ou através do link:  
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

## DESEJO DAS CRIANÇAS

Fiz desenhos com as crianças em sala de aula, porque os brancos sempre achavam argumento para nos barrar. Eles perguntavam e perguntam o que nós queremos com a terra, o que nós queremos aqui dentro da FLONA, como é que nós queremos viver. Fizemos alguns desses desenhos numa folha grande, como mapas. O primeiro desenho já faz três anos, foi feito antes, na beira da estrada, elas desenharam de tudo naquela folha: uma aldeia nova, uma aldeia futura com animais, com frutas, com verduras, alimentos... Já o segundo foi feito aqui dentro da FLONA.

Eu disse para as crianças: 'quero que vocês olhem pra esse papel e falem através do desenho de vocês o que que vocês querem. Os brancos sempre falam pra nós o que nós queremos, mas quero ver de vocês, crianças. O que que vocês querem? Como é que vocês veem o futuro? Como é que vocês sonham e o que que vocês querem lá na frente? O futuro de vocês, a vivência de vocês, tudo, como vocês imaginam a nova aldeia de vocês?' Enquanto eu dizia, elas estavam sempre com um sorriso no rosto. Queriam um lugar pra fazer fogo, casa cultural pra poder contar história pra elas... Junto com o Gaclan, o pajé, elas falaram: 'nós queremos uma casa pro nosso Pajé assar pinhão e nos contar história.'

O desejo das nossas crianças indígenas Xokleng é trazer de volta as florestas nativas que foram tiradas, aprender a viver livre... É que a criança Xokleng é assim, ela é livre. O território não é apenas a casa, o território delas vai além da imaginação delas, isso é o território Xokleng, na cabeça de uma criança. Elas querem ter a horta delas, na casa delas, o que elas querem comer. Elas querem viver livre, como ser humano.

Foi assim que as crianças mostraram pros Pa'i (chefe, autoridade) o que elas queriam, e através desses desenhos conseguiram segurar o pé dos Pa'i aqui. Nós não estamos por nós, nós estamos por elas.

As crianças vão pra escola lá fora ainda, na beira da estrada. Estamos esperando a construção da nova escola aqui dentro pela Secretaria de Educação do Estado, e assim o tempo vai passando.

Culá Maiule Teie Lemos da Silva

Antigamente a gente não tinha limite geográfico. O ancião tinha limite só na mente. E tinha marcas e rastros no território.

Gerson Nendãlã



E. E. Ilb... a Vornhexy Veí-Tcha Teié

rossa Futura Al Deia Bullona Vericho Teié



ESCOLA JARDIM

TERÇO DE...

CASA CULTURAL

## ANTES DO CONTATO

Antes dos nossos antepassados viverem o contato, eles tinham uma sabedoria imensa. E eles eram felizes com a forma de viver deles. Tudo eles inventavam. Quando eles andavam sozinhos, ou em pequenos grupos, tudo eles inventavam para sobreviver. E sempre estavam contentes com aquilo. Hoje muitos acham que era pouco o que eles tinham na floresta, mas olhando lá para trás, pra eles era muito. Eles tinham uma riqueza imensa.

E quando teve o contato essa riqueza foi tirada.

Hoje, para criar um bebê, tem que ter fralda, tem que ter isso e aquilo. Tem que ter um berço, os brancos falam. Naquele tempo, as mulheres carregavam seus filhos nas costas. Às vezes, quando alguém de um grupo se perdia no mato, dormia no pé da árvore e lá em cima fazia cesto, botava o neném dentro. E o neném dormia dentro do cesto.

Então, hoje o dinheiro tem muito valor. Mas antes do contato, **lá naquele tempo, não precisava de dinheiro, eles tinham tudo.**

Eles tinham a sabedoria de criar as coisas para sobreviver, para cuidar dos filhos deles. Eu me perguntava por que a nhõ kuzó, minha mãe velha gostava de comer os filhotes da abelhinha. Quando dava a época do pai tirar o mel, ela ia lá e pedia para ela comer. Porque até isso eles comiam. Os filhotes das abelhas... E eles tinham saúde, uma saúde que hoje não tem. Porque eles comiam essas coisas naturais.

A Alice Ajú, minha filha, carrega o nome da avó dela. A avó dela se chama Ajú e chegou a ter 115 anos. A Ajú morreu em 2005 com uma saúde imensa.

**Então antes do contato eles eram livres. As crianças eram livres. O território deles era muito maior do que eles têm hoje. Hoje, para ter o nosso território nós estamos**

**aqui, já há 5 anos lutando na retomada. Vai terminar o GT e a luta vai continuar ainda. Vai ser demarcado. Depois que for demarcado vai ser nosso, e ainda assim vai ter luta.**

Porque as florestas vão voltar, as matas nativas, as comidas tradicionais e as riquezas vão chegar de novo no nosso território, e os brancos vão crescer o olho e vão querer tomar de novo. É isso que acontece nos territórios tradicionais no Brasil. Nas terras indígenas, as poucas que existem demarcadas, os garimpeiros e fazendeiros estão querendo tomar posse, como aconteceu em Laklãnõ: foram declarados 37mil hectares, eles pediram homologação e eles ganharam naquele tempo, só que os brancos tomaram conta. Os zũg cresceram os olhos sobre as matas, as madeiras nativas. Cresceram os olhos para a agricultura, para a plantação de fumo, plantação de milho, plantação de soja, é o que acontece nos territórios. Aqui, a gente vai continuar lutando igual aos outros. A luta dos povos indígenas não para. Continua.

Culá Maiule Teie Lemos da Silva



## RETOMAR O FUTURO

Quando eu cheguei aqui no território Xokleng Konglui eu me lembrei e escutei os passarinhos cantando, vi os pinhões ali, daí fiquei pensando comigo assim: 'como nós éramos felizes aqui. Nós éramos felizes, e eles tiraram toda a nossa felicidade'. Mas por nós sermos um povo resistente, apesar do massacre, a gente está resgatando novamente a nossa felicidade, o nosso futuro, estamos resgatando novamente o nosso futuro, não para nós, mas para nossos filhos. Nosso lugar mesmo é onde nossos ancestrais estão chamando nos pra nós ter futuro.

Antonia Paté

O sistema hoje, ele também nos ajuda, mas ele tira a nossa liberdade também. Então, isso para nós está sendo difícil. Hoje eu posso ter meio pacote de fubá ou açúcar. E eu reparto com parentes Kaingang, eu reparto com parentes Guarani. E aí fica a reflexão: 'Será que os parentes Pataxó, Xavante, têm esse fubá?' Então, quando a gente fala em luta e a dificuldade do

povo indígena, a gente não fala só do nosso povo. A gente fala em geral. Porque, antes, a gente vivia livremente. A gente era muito feliz. E nos tempos de hoje... está difícil de viver. **É por isso que nós nos levantamos e lutamos de frente com o sistema. Porque se hoje está difícil, amanhã para os filhos dos meus netos vai estar bem pior.**

É por isso que nós estamos resistindo, retomando e passando as nossas histórias ancestrais e o poder da floresta que revela o segredo das ervas medicinais. Isso que nós estamos fazendo aqui. Nós somos os guardiões, os poucos guardiões que sobreviveram, estamos tentando preservar o pouco que resta de kute, a mata, a floresta nativa que nossos antepassados construíram e deixaram para nós.

**Kute é tudo: o rio, os pássaros, a cultura fazem parte de kute. Kute é minha casa e minha vida, de onde tiro sustento para minha família – tipo caça, pesca, frutos – onde me divirto, canto e danço, onde os espíritos ancestrais estão sempre conosco.**

Então isso é a nossa dificuldade. Quando se fala em dificuldade não se fala só dos bens materiais. É muito maior, é a defesa da terra e dos ensinamentos e segredos que foram revelados pelos antigos e precisamos passar para as próximas gerações.

Gerson Nendãlã

**Zũg óg kala kó ko ag gó blé kute te vũ mẽ tug zagdjan mũ.** Depois que os brancos entraram, kute / a mata nativa foi se acabando.

Não faz tanto tempo, o meu povo Xokleng foi massacrado, moças e mulheres foram estupradas, homens e mulheres foram mortos; este é um depoimento que é muito doloroso. Mas hoje

eu honro o meu povo, apesar das perdas. Um desses milicianos, um desses bugreiros, num depoimento ele diz assim: “Eu cortava a carne dos índios como um pé de banana”. Esse depoimento está relatado. Na época, ele estava se proseando. Estava se engrandecendo.

Mas como diz uma tia minha, muito sábia: as mulheres que foram estupradas e os Kálu, que são os jovens, que foram cortados ao meio com facão, o corpo deles tombaram, mas o sangue deles hoje correu e está sobre toda a Terra Indígena Laklãnõ e outros territórios Xokleng. E virá mais. E os homens que fizeram isso, essa crueldade, eles já não existem mais. Eu peço respeito, porque quando se fala de dificuldade, só o povo indígena compreende isso. É difícil. Às vezes faltam palavras.

Nós queremos a nossa liberdade. Para nós, a educação, ela não é entre quatro paredes. Eu estudei numa escola dos brancos. A escola me prendeu... Me prendeu com o quê? A pedagogia europeia. E no tempo de hoje, com 28 anos, eu estou exercendo a licenciatura tradicional indígena. Isso é uma grande faculdade para nós. Essa é uma grande faculdade que hoje passa para a futura geração, que são as nossas crianças. **Quando a gente fala no futuro, não é o futuro do capitalismo, é o futuro ancestral. O futuro da comunidade é o bem-viver, o nosso modo de vida tradicional.** “Bem-viver” é uma palavra forte que é bastante usada hoje e que envolve a comunicação com os espíritos ancestrais.

Gerson Nendãlã

Nossos antepassados não tinham a oportunidade de ter uma faculdade, pra poder lutar pelos seus direitos, conhecer as leis, a legislação indígena, a Convenção 169. Eles eram todos

analfabetos, não falavam português. Mas as novas gerações de hoje querem aprender como estão as políticas públicas no Brasil, querem fazer a faculdade, pra eles terem essas informações para aprender a falar igual aos outros brancos. Então, nós olhamos para um doutor, um desembargador falando. Mas eu como Cacique, mulher indígena, eu sento de frente com ele. Eles têm a sabedoria da faculdade deles. A minha faculdade eu aprendi lá atrás com os meus antepassados. E também, capacitada com os meus espíritos, os espíritos dos meus antepassados, isso nós temos hoje, junto conosco. Tenho o conhecimento porque eu aprendi com nossos antepassados. E hoje, eu aplico o meu conhecimento com os mais jovens.

Quando os meus avôs, meus parentes que eram selvagens, os pesquisadores iam lá estudar junto com eles, pegar o cântico deles e a fala deles. Então eu quero, hoje, que a nossa juventude, seja capacitada nas universidades e também capacitada nas aldeias, na base com as lideranças tradicionais. Aí as coisas caminham. Porque sem ter conhecimento nas bases, as coisas não caminham. Os jovens de hoje estão aprendendo porque eles moram, nasceram, estão crescendo e vivendo junto. Nós vamos cuidar para os jovens que forem, não perderem o costume tradicional. Porque eles têm a fala, têm o cântico, têm a dança. Nós que somos mais velhos temos que cuidar dessa juventude que está na universidade.

Cunllugn Veitchá Teie

Conhecer sobre a política é muito importante para nós mulheres indígenas. Eu trago isso também para incentivar as muitas meninas que estão aqui, e que sempre estão junto nos movimentos. Então é importante a gente estar ali, conhecer, porque se lá no passado eles nos matavam com espingarda,

escopeta e cortavam nossos corpos como se fosse bananeira, hoje, eles querem nos matar com uma caneta. E aprender hoje é muito importante. Então, se hoje eu estou aqui, é por causa do meu povo.

Eu estou aqui para buscar a história desse território histórico que é muito grande. Eu digo assim, eu comecei no doutorado, mas não sei quando eu vou terminar. Porque é muita coisa para contar sobre o nosso povo. Muita história. E o nosso território é muito grande. HAÍ tu tem as histórias sobre Vacaria, mas hoje nós estamos aqui em São Chico que é também uma extensão de todo o território Laklãnõ/Xokleng. Então, tem muita coisa para ser contada, muita coisa ainda. Mas eu sou uma só e estou incentivando a meninada, vamos lá, gente, enfrentar a academia e contar a nossa história.

Walderes Coctá Priprá

O futuro para os Xokleng Konglui é a terra, são as retomadas, os animais tradicionais, os alimentos tradicionais e as matérias-primas para fazer o artesanato. São as nossas memórias. É o cuidado com a mãe terra e com as nascentes de água, essas são as nossas riquezas. Porque hoje eu vejo aqui de cima as nascentes de água que estão se acabando enquanto a soja, o eucalipto e o veneno vão entrando. As nossas crianças vão saber o que é uma conquista, o que vivemos no passado, a terra foi tomada com violência. Tivemos que retomar a nossa riqueza.

Hoje acompanho a Cunllugn e seus parentes na luta pela demarcação desse território, estou sempre junto. Eu escuto as suas palavras todos os dias, as conversas com Deus, com o Espírito do Sol e o Espírito da Chuva. Quando o vendaval vem forte, eu vejo a Cunllugn falando com ele, pedindo pra ele ir embora. E falando com Goj Kuleg, o espírito da água.

Eu continuo perto, cuidando desse território e dos meus parentes. A última notícia que eu avisei foi uma reunião marcada com o governo sobre a construção das novas moradias, que vai acontecer no dia 23 de fevereiro deste ano, 2026. Eu vou estar lá, acompanhando as decisões da caneta, a luta e as conquistas.

Vejo essa história sendo vivida e agora escrita. Esse livro é o futuro, é uma conquista, da retomada da nossa própria história.

desenho konglui :  
balão de história em quadrinho

desenho konglui :  
balão de história em quadrinho

+  
glossário:

- bugreiros
- casa subterrânea
- educação (fala culá, fala gerson nendãlã, fala walderes)
- marco temporal (roberto)
- rastros (foto prova arqueologica cap.3)

bibliografia